



## **A REPRESENTAÇÃO DA MULHER A PARTIR DA COLEÇÃO ANTIPRINCESAS: PROPOSTA DIDÁTICA NO ENSINO DE ELE**

Gabrielly Evelyn Lopes Barbosa; Hully Mangueira Rodrigues; Rickison Cristiano de Araújo Silva

*Universidade Estadual da Paraíba* – [gabrielly.lopes.barbosa@hotmail.com](mailto:gabrielly.lopes.barbosa@hotmail.com)

*Universidade Estadual da Paraíba* – [hullyr6@gmail.com](mailto:hullyr6@gmail.com)

*Universidade Estadual da Paraíba* – [rickison\\_cristiano@hotmail.com](mailto:rickison_cristiano@hotmail.com)

**Resumo:** Na contemporaneidade, nós, enquanto estudantes e professores de línguas estrangeiras, somos convidados a repensar o nosso agir docente referente a grande diversidade de conteúdos que podem ser abordados em sala de aula, visando um ambiente que discuta temas relevantes para a formação crítica-cidadã dos estudantes. A fim de trabalhar e preparar uma aula que aborde a temática de gênero nas aulas de língua espanhola como língua estrangeira – ELE, nos deparamos com algumas dificuldades que são recorrentes no dia a dia, tais como a falta de livros ou perspectivas que abordem tais temáticas e que possam ser utilizadas no processo de ensino/aprendizagem e também de conscientização. Assim, esta proposta de trabalho visa apresentar uma proposta didática para trabalhar gênero nas aulas de ELE, partindo do pressuposto de que trabalhar questões de gênero no ambiente escolar possibilita que os alunos passem a enxergar novas perspectivas referente aos múltiplos papéis que nós, enquanto cidadãos, podemos exercer, desenvolvendo um posicionamento crítico e respeito ao outro, ao que é dito como diferente, certo ou errado. Desta forma, utilizaremos a coleção *Antiprinças* (2016) da autora argentina Nadia Fink, cuja intenção, dita inovadora, é apresentar uma nova visão acerca das princesas da Disney, evidenciando a realidade de mulheres reais, Frida Kahlo e Violeta Parra, que lutaram, que conseguiram seu espaço na sociedade e que são reconhecidas por suas obras e seus fortes posicionamentos para com determinados temas. Para a realização desta proposta de trabalho, nos basearemos nos estudos de LOURO (1997), FELIPE (2007), SILVA (1999) dentre outros estudiosos que contribuem para a discussão da temática proposta neste trabalho.

Palavras-chave: Representação da mulher, Antiprinças, Ensino de Espanhol, Proposta didática.

## INTRODUÇÃO

Abordar questões de gênero e sexualidade na sala de aula torna-se cada vez mais essencial diante dos sistemas de relações sociais e/ou sexuais que esta temática implica, visto que é atribuído ao sexo feminino posições subalternas ao masculino. Conforme Pupo (2007), meninos e meninas já percorrem um caminho social de convivência, sabem a que gênero pertencem e o que se espera deles, porém estão impregnados nas velhas concepções com cunho de preconceito acerca do homem e da mulher, construídas com base na diferença de sexo. Assim, acredita-se que a escola é um lugar de formação de princípios sexistas onde encontra-se um imenso campo de ação para promover reflexões e romper paradigmas tradicionais do comportamento feminino e masculino, dado que ao não explicar igualdades de gênero a instituição corre o risco de acomodar-se e continuar reproduzindo os dicotômicos modelos normativos na relação entre os sexos.

Nessa perspectiva, sabe-se que uma das principais referências estereotipadas que se tem desde da infância em relação a mulher são as *Princesas da Disney*, ou seja, mulheres, geralmente, brancas, cabelos lisos, sempre bem vestidas com longos vestidos cor de rosa a espera do príncipe encantado para salva-las. Considerando o padrão de beleza que temos em nossa sociedade, demonstram como a mulher deve se comportar, se vestir, como seu corpo e seu cabelo devem estar para ser como elas e desse modo, as crianças já crescem com um modelo de beleza e ‘bons modos’ baseados nos padrões de princesas. Sendo assim, é importante ressaltar a necessidade de se falar de mulheres como Frida Kahlo que fogem desses modos impostos, na maneira de se vestir, de pensar, de ser, principalmente, no âmbito escolar que é onde nós como professores devemos ajudar a construir uma consciência crítica-cidadã.

Deste modo, temos como objetivo principal apresentar algumas reflexões sobre a presença da temática de gênero no ambiente escolar, e mais precisamente no contexto de língua espanhola, apresentando uma, das inúmeras, proposta didática para se trabalhar a temática de gênero na sala de aula, utilizando os livros da coleção *Antiprincesas* (2016), afim de desenvolver nos alunos a comunicação na língua estudada, como também o senso crítico referente ao tema.

Metodologicamente, nosso artigo é de caráter bibliográfico, uma vez que partimos de pesquisas já realizadas que abordam a temática do nosso estudo. Este trabalho está dividido em 3 momentos. No primeiro momento, apresentamos algumas reflexões iniciais sobre as concepções de gênero e implicações na sociedade. No segundo, tratamos da temática de gênero no ambiente

escolar, apontamos quais perspectivas e importância de abordar na sala aula afim de construir um senso crítico nos alunos. Já no terceiro momento, levamos as questões de gênero para as aulas de língua espanhola, apresentando dentre as diversas possibilidades de se trabalhar com a temática uma proposta didática.

## **2 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

### **2.1 REFLEXÕES INICIAIS SOBRE GÊNERO**

No contemporâneo vem se discutindo muito sobre as discussões acerca da temática de gênero que estão cada vez mais visadas no âmbito social em todo o mundo, por causa, justamente, do que se entende do assunto, como o classificam, “feminino e masculino” e sobre as grandes discussões acerca de igualdade/identidade de gêneros. Segundo LOURO (2011, p. 64) “ao falar de gênero estamos nos referindo a feminilidades e a masculinidades (sempre no plural). A potencialidade do conceito talvez resida exatamente nesta noção, a de que se trata de uma construção cultural contínua, sempre inconclusa e relacional”. Portanto, por se algo construído culturalmente existe um estereótipo do que é ser mulher e do que é ser homem, baseados nessas construções em nossa sociedade.

No Brasil ao longo dos anos foi sendo construído um padrão de identidade que se tem como referência positiva a pessoa heterossexual, branca e cristã, principalmente, com o atual conservadorismo em alta no congresso nacional e na sociedade brasileira. Neste caso, seriam todos aqueles que não fazem parte da normatividade, ou seja, às mulheres, o grupo LGBTQ+ e os negros, que são vistos como os “diferentes” (LOURO, 2011).

Entretanto, pensando pelo viés do gênero feminino, que na sociedade vem cada vez mais buscando seu espaço em relação a igualdade, identidade e aceitação de suas formas de ser, isto é, tentando se desvincular dos estereótipos que rodeiam o “ser mulher”, FELIPE (2007) nos apresenta vários aspectos que reforçam e enraízam esses padrões a partir da infância nas mídias sociais, revistas, desenhos, músicas, entre outros, apresentando formas e perspectivas referente as interações e papéis que devem ser estabelecidas entre homens e mulheres, meninas e meninas na sociedade. Sendo assim, os estudantes que estão em processo de descobrimento, já são expostos a um tipo de padrão, dito como o “correto”, que devem seguir. Como, por exemplo, as instruções que dizem para uma criança do gênero feminino durante a infância, no dia a dia: ” menina não pode usar azul porque é cor de menino; Menina não pode brincar de bola, porque tem que brincar de casinha; não

pode brincar com outros meninos, porque é feio e porque você deve brincar com meninas; Menina deve se comportar como uma princesa”.

Assim, vai se formando não apenas um padrão de formas de se vestir ou de brincar, mas também de comportamentos que refletem o papel da mulher na sociedade e a forma que se deve agir. E não apenas se delimita a sociedade brasileira, porém, a basicamente, todos os países, pelo que se vê em relação aos desenhos mundialmente conhecidos e as reivindicações dos movimentos feministas ao redor do mundo que consideram esses pontos para serem desconstruídos.

## 2.2 ESTUDANDO GÊNERO NA ESCOLA

Trabalhar questões de gênero de maneira transversal em sala de aula torna-se um desafio quando o professor busca por um apoio didático, apesar de estar presente nos documentos que regem a educação no Brasil, tal como os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNS (2000). Os temas transversais, surgiram na intenção e na possibilidade de “integrá-las no currículo por meio do que se chama de transversalidade: pretende-se que esses temas integrem as áreas convencionais de forma a estarem presentes em todas elas, relacionando-as às questões da atualidade” (BRASIL, 1997). Assim, como bem nos apresenta, os temas transversais possibilitam a construção da cidadania e da democracia no ambiente escolar, no qual envolvem diversos aspectos e diferentes dimensões, como também:

[...] a perspectiva transversal aponta uma transformação da prática pedagógica, pois rompe a limitação da atuação dos professores às atividades formais e amplia a sua responsabilidade com a sua formação dos alunos. Os Temas Transversais permeiam necessariamente toda a prática educativa que abarca relações entre os alunos, entre professores e alunos e entre diferentes membros da comunidade escolar (BRASIL, 1997, p.30).

Apesar de se ter como base os PCNs, e nele deixar explícito a importância de se trabalhar com temas transversais, tais como: relações de gênero, respeito mútuo, sexualidade e o ser humano como agente social, para se construir uma sociedade mais igualitária, se faz necessário:

Por exemplo, se é desejável que os alunos desenvolvam uma postura de respeito às diferenças, é fundamental que isso seja tratado desde o início da escolaridade e continue sendo tratado cada vez com maiores possibilidades de reflexão, compreensão e autonomia. Muitas vezes essas questões são vistas como sendo da “natureza” dos alunos (eles são ou não são respeitosos), ou atribuídas ao fato de terem tido ou não essa educação em casa [...] (BRASIL, 1997, p.300)

Além da falta de vários recursos para se falar sobre gênero na sala de aula, ainda presenciamos a resistência da escola em analisar o que pode ou não pode ser falado e tratado sobre o assunto, muitas vezes por razões ideológicas ou religiosas contrárias do que tem que ser mostrado e ensinado para desconstruir certos tipos de estereótipos e perspectivas acerca de gênero.

Sendo assim, SILVA (2009) afirma que a crescente visibilidade do movimento feminista forçou as perspectivas críticas em educação a concederem importância crescente ao papel do gênero na produção da desigualdade, visto que estereótipos ligados ao gênero são responsáveis pela relegação das mulheres a certos tipos inferiores de currículos ou de profissões. Para o autor e o estudo feminista citado em sua obra, o conceito de gênero foi criado precisamente para enfatizar o fato de que as identidades masculinas e femininas são historicamente e socialmente produzidas, ou seja, o determinante da identidade de “homem” ou “mulher” não pode ser reduzido apenas à biologia (SILVA, 1999).

Diante disso, é preciso levar ao interior da educação escolar discussões para que meninos e meninas entendam que seu comportamento social tem mais relação com concepções construídas socialmente que com suas capacidades naturais e inatas. “ neste universo é que meninas e meninos vão construindo sua autoimagem, interiorizando padrões de condutas discriminatória difíceis de serem modificados posteriormente” (PUPO, 2007).

Acredita-se no ambiente escolar como um “ dos mais importantes espaços de convivência social, desempenhando assim um papel de destaque no que tange à produção e reprodução das expectativas em torno dos gêneros e das identidades sexuais” (FELIPE, 2007, p.79) e ratificamos o papel do docente como formador de opiniões e desenvolvedor do senso crítico nos alunos, fazendo com que os valores, o conhecimento, o senso crítico e o pensar com profundidade sejam atraentes para os estudantes, uma vez que se faz necessário entender alguns aspectos que são fundamentais na sua formação enquanto estudante e cidadão, tais como a vida e o papel da mulher na sociedade. Se faz necessário levar em consideração, também, o seu contexto histórico: formas de trabalho, corpo, prazer, afetos, escolarização, oportunidades de expressão e de manifestação artística, profissional e política, modos de inserção na economia e no campo jurídico, questões que aos poucos vão exigir cada vez mais do estudante durante seu desenvolvimento como sujeito social.

### **3 TRABALHANDO GÊNERO NAS AULAS DE ESPANHOL COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA.**

Nas aulas de línguas estrangeiras, especificamente, o espanhol, temos uma livre demanda de conteúdos interdisciplinares que podem ser trabalhados, incluindo o ensino de gênero, justamente, para tentar desvincular do aspecto e ensino tradicional, voltado apenas para a gramática, que tanto vemos nos livros didáticos e de que não é possível trabalhar literatura nas aulas de língua estrangeira. Posto isto, como bem apresentam Rodrigues e Silva (2015), o professor, diante da variedade de temas e conteúdo, tem como dever selecionar e analisar como e quais conteúdos serão compartilhados para os alunos. Pensando nisto, ao trabalhar gênero nas aulas de língua espanhola, o professor estará inovando, em relação a temática abordada, como também estará desenvolvendo nos alunos uma consciência crítica diante o tema, veiculando sempre ao uso da língua estudada.

Desta forma, ratificamos a necessidade de trabalhar gênero nas aulas de espanhol, partindo da afirmação da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade do Ministério da Educação (Secad/MEC):

[...]entende que, em uma perspectiva inclusiva, políticas educacionais que correlacionam gênero, orientação sexual e sexualidade não devem se restringir à dimensão, de todo modo importante, dos direitos à saúde sexual e reprodutiva. É preciso ir além e, ao mesmo tempo, partir de outros pressupostos (BRANDT, 2007, p.9)

O professor como ferramenta de intervenção social (LOURO, 1997), pode abordar temas de gênero com implicações que não são apenas epistemológicas: têm a ver com problemas e preocupações que são vitais para o mundo e a época que vivemos.

Os livros *antiprincesas* (2016) da autora Nadia Fink surgiram como uma ferramenta acessível a várias faixas etárias que possibilita a abordagem destas temáticas, visto que contam histórias de personagens reais e inspiradoras, tais como a de Frida Kahlo e Violeta Parra<sup>1</sup>, artistas latino-americanas, símbolos de luta e resistência as normas e estereótipos sociais. A partir deste material, o professor de língua estrangeira, nosso caso de espanhol, trabalhará a literatura, uma vez que língua e literatura são indissociáveis. Poderá trabalhar de forma interdisciplinar e ao mesmo tempo que levanta questões de gênero, sexualidade e luta de classes. Pais e professores encontram nestas obras um meio de ensinar simultaneamente histórias reais e valores morais através de representantes latino-americanas que ficaram conhecidas por seus talentos artísticos e suas superações à opressão sexista.

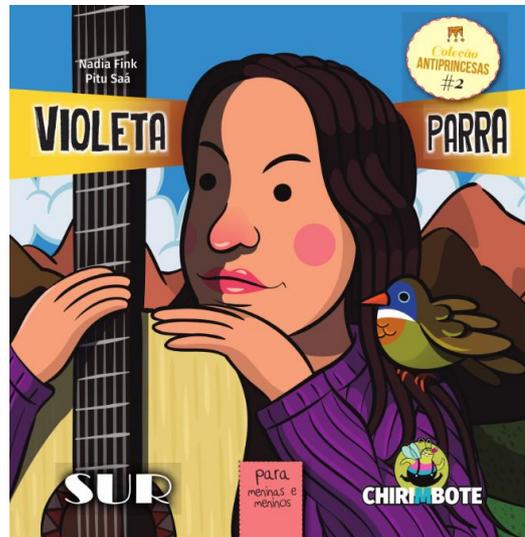
---

<sup>1</sup> A coleção *antiprincesas* é composta por: Frida Kahlo, Violeta Parra, Alfonsina Storni, Clarice Lispector, Juana Azurduy.

Imagem 1: Livro *Antiprincesas Frida Kahlo*



Imagem 2: Livro *Antiprincesas Violeta Parra*



Fonte: Revista Crescer, 2017.

Fonte: Sur Livros, 2017.

Desta forma, acreditamos que a coleção é uma excelente ferramenta didática para trabalhar gênero nas aulas de língua espanhola, uma vez que o professor tem a possibilidade de utilizar o livro no idioma da disciplina, o que é bastante significativo. A realidade apresentada na coleção emerge nas obras infantis em contrapartida à histórias e personagens criados em contos de fadas. Ao espelhar-se nestas mulheres, crianças e adolescentes encontram inspirações para construir sua identidade longe da ideia normativa pré-estabelecida pela sociedade e reproduzida pelos materiais da Disney.

Os personagens criados por esta companhia serviram durante várias décadas como modelos inspiradores de crianças, visto que são as primeiras figuras de representatividade feminina e masculina apresentadas pela literatura infantil. Diante disso, crianças constroem suas identidades pessoais em torno de ideias e padrões comportamentais e estéticos que divergem da realidade atingível, sendo a mulher a principal vítima ao ser associada a aspectos como fragilidade e submissão através de princesas não-revolucionárias que buscam sua salvação por meio de um príncipe encantado.

Posto isto, o professor de língua espanhola é livre para escolher um tema e um dos livros da coleção, e desenvolver discussões e reflexões sobre quem foi a artista, quais eram suas perspectivas

e filosofias, como também desconstruir alguns pensamentos referente a posição da mulher na sociedade, uma vez que Fink (2016) resgata a memória histórica de figuras que quebraram paradigmas cristalizados por uma sociedade patriarcal e machista dando voz às mulheres silenciadas que lutavam todos os dias contra a cultura da desigualdade.

#### **4 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Como professores em formação, ressaltamos a importância de irmos além do que deve ser abordado em sala de aula para aprender uma língua estrangeira, devemos pensar em questões que estão presente no dia a dia dos alunos, fazendo da sala de aula um ambiente acolher, realista e que desenvolve um posicionamento crítico nos estudantes.

Diante disso, acreditamos que questões de gênero devem perpassar o currículo e o agir docente, e que através de Frida Kahlo, Violeta Parra ou outra personagem presente na coleção *antiprinçasas*, ou outro livro, material didático que o professor de espanhol escolher. O estudante em processo de construção de identidade poderá aprender que os Super Heróis da ficção existem e que na realidade são pintoras, escritoras, musicistas, poetisas e acima de tudo, mulheres que não preenchiam o estereótipo normativo de sua época, e que todavia ainda não preenchem. Por isso, em razão de represálias, derrubavam marcadores sociais que giravam em torno do homem como dominante e a mulher como dominada.

Por fim, gostaríamos de acrescentar que o professor tem inúmeras oportunidades e ferramentas para trabalhar questões de gêneros em sala de aula, ele só necessita refletir e estar atento a quais aspectos poderá inserir nas aulas, no intuito de formar não somente estudantes que dominam a língua espanhola, como também cidadãos que refletem e pensam sobre seus papéis e posicionamentos na sociedade, para que haja uma conscientização em relação à igualdade de gênero no âmbito social. Devendo assim, ser abordado constantemente, uma vez que a educação tem um papel fundamental na construção de significados.

#### **REFERÊNCIAS**

BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros curriculares nacionais, códigos e suas tecnologias. Língua estrangeira moderna.** Brasília: MEC, 2000.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: apresentação dos temas transversais, ética.** Brasília: MECSEF, 1997. v. 8. 126 p

BRANDT, M. E. A, et al. **Gênero e Diversidade Sexual na Escola: reconhecer diferenças e superar preconceitos.** Brasília, 2007. Disponível em: <[http://pronacampo.mec.gov.br/images/pdf/bib\\_cad4\\_gen\\_div\\_prec.pdf](http://pronacampo.mec.gov.br/images/pdf/bib_cad4_gen_div_prec.pdf)> Acesso em: 18 set. 2017

FELIPE, Jane. **Gênero, sexualidade e a produção de pesquisas no campo da educação: possibilidades, limites e a formulação de políticas públicas.** Pro-Posições, Campinas, v. 18, 2007. Disponível em: <<https://www.fe.unicamp.br/pf-fe/publicacao/2425/53-dossie-felipej.pdf>> Acesso em: 29 set. 2017.

FINK, Nadia. **Colección Antiprincesas - Frida Kahlo.** Florianópolis – SC: Sur livro, 2016

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação: Uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. **Educação e docência: diversidade, gênero e sexualidade.** Belo horizonte, 2011. Disponível em:

<<http://formacaodocente.autenticaeditora.com.br/artigo/exibir/9/30/1>> Acesso em: 20 agos. 2017.

PUPO, Kátia Regina. **Questão de gênero na escola.** IN: BRASIL, Ministério da Educação. Programa Ética e Cidadania: Construindo Valores Na Escola e na Sociedade. Brasília, 2007. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Etica/20\\_pupo.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Etica/20_pupo.pdf)> Acesso em: 14 de out. 2017

REVISTA CRESCER. **Frida Kahlo inspira livro infantil de coleção "Antiprincesas"** Disponível em: <<http://revistacrescer.globo.com/Curiosidades/noticia/2015/09/frida-kahlo-inspira-livro-infantil-de-colecao-antiprincesas.html>> Acesso em: 14 out. 2017

RODRIGUES, Natalia Francis Sousa. SILVA, Rickison Cristiano de Araújo Silva. **Teatro: Língua, literatura e cultura no ensino de E.L.E.** In: V ENID- Encontro Nacional de Iniciação a Docência, 5, 2015. Campina Grande. **Anais V ENID / UEPB.** Editora Realize.2015. Disponível em: <[http://www.editorarealize.com.br/revistas/eniduepb/trabalhos/TRABALHO\\_EV043\\_MD1\\_SA7\\_ID7\\_30062015221659.pdf](http://www.editorarealize.com.br/revistas/eniduepb/trabalhos/TRABALHO_EV043_MD1_SA7_ID7_30062015221659.pdf)> Acesso em: 23 ago. 2017

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo.** Belo Horizonte: Autêntica,1999.

SUR LIVROS. Disponível em: <<http://www.surlivro.com.br/catalogo/categorias/113/Coleo-Antiprincesas?pagina=2&limit=12>> Acesso em: 14 out. 2017